

Duas Mulheres

Tuca Munhoz

[Consultor Especializado em Acessibilidade]

Particpei, recentemente, da 17ª Conferência Nacional de Saúde, em Brasília.

Foi muito bom ter participado, muito interessante sob o aspecto político da construção e fortalecimento de uma política pública - do fortalecimento do SUS -.

Reencontrei velhos amigos, fiz novos.

Várias coisas importantes e interessantes aconteceram e vou aqui descrever uma simples observação que fiz.

UMA MULHER

Uma das organizadoras da Conferência foi uma amiga que nunca havia encontrado pessoalmente. Trabalhou muito.

Foi fácil observar como ela estava ocupada e empenhada em resolver todos os problemas que surgiram e organizar tudo da melhor forma possível.

A Conferência aconteceu num lugar enorme. Eram mais de cinco mil pessoas, entre delegados, convidados, repórteres e jornalistas, pessoal de apoio, funcionários do local etc.

Ela é cadeirante e eu a via andando, em alta velocidade, para lá e para cá, em sua cadeira motorizada.

Acho que ficaria ridículo uma pessoa não deficiente correndo como ela corria em sua cadeira de rodas.

Mas ela o fazia com nobreza, com ares de urgência e eficiência. Sobriedade e leveza.

Certamente, para onde ela ia e onde ela chegava, os problemas eram rapidamente resolvidos. Tudo ficava bem.

Soubemos disso posteriormente.

Ela era mais elegante. Ela era melhor.

Cerca de 300 pessoas com deficiência participaram dessa Conferência. Boa parte delas, assim como eu, usava cadeiras de rodas motorizadas, ou cadeiras manuais tipo monobloco - cadeiras de rodas manuais de qualidade superior. São mais leves e ágeis, pensadas para pessoas com deficiência que têm vida ativa.

As pessoas cegas e com baixa visão estavam absolutamente bem-informadas sobre todos os passos da Conferência, acessando seus celulares e computadores, munidos de sofisticadas tecnologias de acessibilidade.

Havia intérpretes de LIBRAS, sob demanda, para qualquer atividade, tais como oficinas e plenárias.

OUTRA MULHER

Por duas vezes, nessa Conferência, tive a oportunidade de conversar com uma velha amiga, que não via, pessoalmente, há anos, mas que conheço há décadas.

Enquanto conversávamos, reparava no seu jeito de gesticular, seu jeito de mexer as mãos e os braços enquanto falava.

Só ela tem aquele jeitinho de “jogar” as mãos enquanto fala.

Lembrei-me, então, num dia, há muito tempo, em que fomos a uma festa e ela dançou.

Fiquei, naquele dia, bastante impressionado com seu jeito de dançar. Um jeito inédito, absolutamente só dela.

Ela é cega, não aprendeu, portanto, a dançar observando outras pessoas dançando. Dança do seu jeito.

Mais ninguém no mundo dança como ela. Muito menos outra pessoa cega, que também não vai aprender a dançar observando como dançam as outras pessoas.

Acho isso de uma riqueza imensa, uma riqueza humana imensa.

O jeito, singular, de as pessoas se expressarem por meio da dança, ou de qualquer outra manifestação artística.

Mas, nesse caso, de uma pessoa cega dançando, é extraordinário. Literalmente extraordinário.

Vivenciar a deficiência, com todas as suas possibilidades e não possibilidades, é uma experiência única no mundo.

Nos engrandece e engrandece a humanidade.



AS DUAS MULHERES

Elas têm deficiências diferentes, uma é cega, outra paraplégica, cadeirante. Mas conviver com elas, por poucos dias, nessa Conferência Nacional, me ensinou muito. Me fortaleceu também, nesse meu jeito de estar no mundo, de vivenciar o mundo, com deficiência física, quando cada gesto, cada pequeno movimento tem que ser pensado, calculado, como se vivêssemos num ambiente inóspito, (vivemos!),
como um astronauta caminhando por outro planeta.

Quando esse astronauta volta à terra, todos querem saber como foi sua experiência noutra planeta, o que ele aprendeu, o que ele sofreu. Ele volta maior, todos sabem disso!

As pessoas sabem que o que o astronauta tem a contar e a ensinar as fará melhores, também.

Como, então, as experiências/vivências dessas duas mulheres, que as fortalecem e as engrandecem, podem chegar às pessoas, com e sem deficiência, e as fortalecerem e engrandecerem?

Penso que cabe a nós, pessoas com deficiência, descobrir isso e ajudarmos a todas as pessoas também descobrirem.

Então, todos poderão aprender conosco, por meio de nossas experiências/vivências únicas, a serem melhores, a serem únicos, a serem todos.

Um beijo às duas mulheres, minhas queridas amigas.

Em São Paulo,

Tuca Munhoz.

Inverno de 2023

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.